

cionava me alongar, mas como o assunto que abordaria já foi tocado pela oradora que me antecedeu e o tempo está esgotado, encerro por aqui.

4. Desempenho dos Professores de Física no Ensino Secundário

ANA MARIA PESSOA DE CARVALHO (FE-USP)

Apesar de coordenadora dessa mesa-redonda, tenho alguma coisa para falar. Gostaria de dar outro ponto de vista, o dos professores de Física no desempenho de suas funções no secundário. Com as reformas de ensino que estão se processando no país (resolução 30, lei de diretrizes e bases e outras), em primeiro lugar o professor de Física se transformou em professor de Ciências. E ele deve saber Física, Química, Biologia, Matemática e pode, se precisar, lecionar estas quatro matérias. Com a introdução do profissionalizante, temos primeiro no núcleo comum a disciplina Ciências, depois, no profissionalizante, várias disciplinas estritamente profissionalizantes. Assim, o professor de Física vive um dilema muito grande, por exemplo: se ele tem no profissionalizante Eletrônica, ele deve dar no núcleo comum Galileu e Newton ou deve optar pelos pontos básicos da Eletrônica? O que é mais importante e estimulante para os alunos: um contato paralelo do núcleo comum com o profissionalizante ou um divórcio total das duas coisas? Será que estamos preparando nosso professor para isso? Ele pode cair numa escola em que precise dar Física, Química e Biologia ou pode cair num colégio em que tenha que dar algo muito mais moderno. O professor secundário está em contato com o aluno que vive o mundo de hoje, vê televisão, ouve falar em raio laser, campos elétricos e isso e aquilo e pergunta ao professor. Este deve estar preparado para responder a tudo isso. Não só esta parte não oficial, mas esse ano houve um concurso oficial que dava um prêmio ao melhor trabalho de secundarista sobre o uso pacífico da

energia nuclear. Quando fomos fazer os estágios nos colégios, todos os alunos estavam interessados e queriam fazer esses cursos, mas os cursos não eram sobre isso. O que eu pude fazer foi conseguir bibliografia para os alunos. Será que nós estamos preparados para isso? O Prof. Shiguelo falou do conteúdo. Esse conteúdo deve ser muito bem pensado em função dessas novas exigências. Outro ponto importante é o fator tempo. De uns anos para cá, o número de aulas de Física tem diminuído. Eram quatro horas, passou para duas. Isso influi muito, principalmente no tocante a laboratório. Nós conscientizamos o aluno, quando na faculdade, da importância do laboratório, de que um curso de Ciências sem laboratório é impossível; agora, ele tem de 45 a 100 minutos de aula (se conseguir duas juntas). Ele tem de 25 (se a classe for dividida) a 50 alunos. A pergunta é: pode esse professor dar laboratório? E o que é importante no laboratório? Ele tem que optar. A simples demonstração da experiência? A coleta de dados? A discussão de dados? Ele tem que fazer uma dessas coisas e jogar fora as outras. O fator tempo passou a ser uma variável importante, tanto para nós que treinamos professores como para os próprios professores. Pois é nessa variável que eles vão ter que trabalhar. Passarei agora à discussão geral.

DEBATES DO PLENÁRIO

Liáciir Lucena, Rio Grande do Norte: Queria apenas complementar o relato do Prof. Luís Felipe Serpa sobre a história do Pós-Graduação no Ensino da Física, no Brasil. Realmente o primeiro curso de Pós-Graduação no Ensino da Física foi ministrado no Departamento de Física da PUC-Rio, em 1966, e teve como coordenador o Prof. Pierre Lucie. Foi uma experiência pioneira, com quatro alunos, inclusive um aluno da Bahia, o Prof. Clóvis Gouveia.

Luís Felipe P. Serpa, Bahia: Na verdade, quando procurei me